

A MULTIFUNCIONALIDADE DO VERBO "PEGAR"

Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ)
karen_pf_souza@hotmail.com

Introdução

O verbo *pegar*, em seu sentido principal de "segurar" em construções transitivas, é frequentemente usado como um predicador de dois participantes. Entretanto, mesmo em uma análise superficial do emprego de *pegar*, diversos contextos de uso detectados na fala de brasileiros indicam a polifuncionalidade desse verbo, a depender da construção.

À luz do Funcionalismo, tenta-se responder esta pergunta: como se configura a rede das estruturas do verbo *pegar* pleno até as estruturas já lexicalizadas no sistema linguístico? Para tanto, utilizam-se dados do Corpus Concordância no qual foram examinadas trinta e seis entrevistas. Tais dados foram reunidos por grupos de características afins.

Deseja-se alcançar dois objetivos nesta comunicação: (a) analisar qualitativamente a natureza categorial do verbo *pegar*, analisando sua trajetória de verbo predicador pleno a constituinte de estruturas lexicalizadas; (b) propor uma rede de relações das construções que revelam as categorias funcionais de *pegar*.

1. Pressupostos teóricos

Segundo a etimologia do verbo *pegar*, o significado principal está em "sujar-se de breu/piche; ter em si ou trazer para si", sentidos que denotam uma ideia de *movimento* (em que um participante [AGENTE], marcado pelo traço [+CONTROLADOR] desloca no espaço físico um participante [TEMA]). Como pode ser visto, além do significado prototípico do verbo *pegar* há muitas definições citadas pelo dicionarista. O verbo acaba se expandindo semanticamente por meio da *metonímia* (passando por um processo de dessemantização, tornando-se mais abstrato); esses novos significados alteram, inclusive, a transitividade do verbo.

Como propriedades relevantes para a constituição da rede de relações do verbo *pegar*, acredita-se ser necessário transcorrer, mesmo brevemente, pelas seguintes subseções: (i) enfoque funcionalista; (ii) esquemas de *movimento/contêiner* (SIGILIANO, 2008); e (iii) gramaticalização e lexicalização.

1.1 Enfoque Funcionalista

Segundo MARTELOTTA ET ALLI. (2013), a corrente teórica do *Funcionalismo* pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística, ou seja, através de uma postura moderada dentro desta abordagem, admite-se uma interação entre forma e função. "Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seu propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua." (MARTELOTTA ET ALLI., 2013:157).

Diferente de outras linhas teóricas, o Funcionalismo não trabalha com um número quantitativo para provar a existência ou o uso de uma determinada forma/emprego; se o(s) falante(s) usa(m) já é o suficiente para ser estudado e analisado de forma qualitativa, tentando explicar as regularidades e as condições discursivas. Desta maneira, procura-se essencialmente analisar dados reais de fala e/ou escrita e evita-se frases inventadas ou frases isoladas sem contexto.

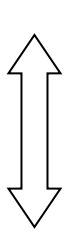
1.2 Esquemas de movimento/contêiner

Para ilustrar o significado do verbo *pegar*, intrínseco à cognição, SIGILIANO (2008) trabalha com a ideia de movimento e de *contêiner/recipiente* (noção corporal representando o interior, fronteira e exterior) e propõe seis esquemas de como o sentido da construção se processa com o *pegar lexical*. Os esquemas trabalham com letras A e B, representando a *ordem dos constituintes participantes* da estrutura do verbo predicador, em que A espelha o primeiro constituinte sintático [AGENTE/Sujeito] e B, o segundo [TEMA/Objeto]. O traçado do círculo representa uma noção de *contêiner*, e, por fim, as setas indicam os *movimentos* realizados pelos participantes da estrutura argumental. Esses esquemas serão abordados na seção 3, em análise de dados.

1.3 Gramaticalização e Lexicalização

Como conceito, trata-se, segundo LOPES (2003), de "um item lexical que se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais". O primeiro passo para a gramaticalização acontecer é o nascimento da *motivação pragmática*, isto é, no momento da criatividade do falante no discurso; depois do desaparecimento da motivação; cria-se uma *estabilidade* no sistema devido ao uso frequente, produtivo, recorrente na fala dos indivíduos, levando ao *desbotamento semântico* do item lexical/gramatical; e por fim, a *fixação na língua*, em que o item se torna cristalizado no sistema linguístico. Em resumo, a gramaticalização resulta da tensão entre a *frequência de uso* e a *expressividade*.

Em relação ao fenômeno da *lexicalização*, segundo MOURA NEVES (2002: 190), é um processo que gera "expressões cristalizadas ou fossilizadas, em cuja coligação não existe nenhuma liberdade, e que constituem, pois, verdadeiras 'fórmulas' de significado unitário, em que nem mesmo é possível postular um SN em posição de objeto". São estruturas em que o significado não pode ser depreendido pela união dos constituintes da estrutura/oração, pois existe um significado global unitário. Para este trabalho, leva-se em consideração o trabalho realizado por Esteves (2012), por mostrar que estruturas lexicalizadas podem ter maior ou menor *grau de congelamento semântico* - GCS (para ver o quadro proposto por Esteves, ver referências bibliográficas). Observem o Quadro 01:

Maior influência no processo		<i>GRAU DE CONGELAMENTO SEMÂNTICO</i>
		Impossibilidade de substituição da perífrase
		Impossibilidade de substituição do VERBO e/ou do SN
		Impossibilidade de inserção de elementos
Menor influência no processo		Impossibilidade de anteposição do SN

Quadro 01 - Hierarquia dos parâmetros de lexicalização de Esteves (2012:181).

Como pôde ser visto no Quadro 01, Esteves utiliza-se de quatro parâmetros para analisar o GCS de uma estrutura lexicalizada em perífrase verbo-nominal (dar/fazer+SN). Na aferição de dados desta pesquisa, usa-se o mesmo quadro, pois, quanto mais parâmetros são aceitos/validados em uma construção, maior é o seu GCS no sistema linguístico.

2. Metodologia

Para a coleta de dados, foi utilizado o programa WORD 2010 para a localização de todas as ocorrências do verbo *pegar*. Fez-se uma leitura das transcrições

da amostra de fala juntamente com a aferição do áudio disponível *online* no site (cf. referências bibliográficas).

Após a leitura e a análise de todos os dados obtidos no *corpus*, observam-se as seguintes construções deste verbo: (i) emprego como predicador pleno, constituinte de uma estrutura argumental (em seu sentido mais básico); (ii) emprego como predicador não pleno, também como constituinte de uma estrutura argumental (sentido abstrato, por metonímia); (iii) como marcador discursivo (especialização de sentido); (iv) como verbo híbrido léxico-gramatical; (v) como constituinte de perífrase verbo-nominal (com e sem alternância com verbo predicador simples); (vi) como constituinte de perífrases com verbos seriados (V1_{pegar} + (e) + V2); e (vii) como constituinte de estruturas lexicalizadas (idiomáticas). Desta forma, foi feita uma releitura dos dados e os dados foram separados segundo as categorias acima observadas.

2.1 *Corpus*

Para a análise de dados, foi escolhido o *Corpus Concordância* por se tratar de uma amostra, recentemente constituída (ano de 2008). Da variedade brasileira, foram recolhidas dezoito entrevistas da região Zona Sul do Rio de Janeiro e dezoito entrevistas da cidade de Nova Iguaçu. Foram selecionadas apenas as entrevistas dos informantes que se enquadravam apropriadamente no perfil desejado do projeto, descartando os integrantes que caracterizam a amostra complementar.

3. Análise dos dados

Apresentam-se, a seguir, os resultados que foram alcançados através da análise de 303 dados com o verbo *pegar*. Não foi localizado nenhum dado na forma nominal do verbo como particípio passado ou gerúndio. Detalham-se os dados seguindo as categorizações aplicadas na metodologia deste trabalho nas subseções a seguir e por fim propõe-se uma rede de relações de construções do verbo *pegar*.

3.1 Construção argumental com verbo predicador pleno

O verbo *pegar*, como predicador pleno da oração, traz em seu significado básico a ideia de "trazer para si", "agarrar". Foram encontrados 77 dados (25,5%) no *corpus* com esse emprego de *pegar*. Caracterizando sintaticamente este predicador verbal, ele tem como propriedade selecionar um participante [-ANIMADO], de restrição categorial SN ou SD (não podendo ser um SPrep, SO, PO etc)¹, atribui-lhe papel temático [TEMA] e caso [ACUSATIVO]. Seleciona também um participante [+ANIMADO], de restrição categorial SN ou SD, atribui-lhe papel temático [AGENTE] e caso [NOMINATIVO]. Quanto à acionalidade, este verbo é classificado como *processo culminado* (segundo a proposta de Raposo, 2013), i.e., ação verbal com traço [DURATIVO] que se prolonga na linha do tempo, e com um fim intrínseco, em outras palavras, possui o traço [TÉLICO], pois a ação de *pegar* é o total de três fases, são elas: o esforço que se faz para agarrar o objeto, agarrá-lo (propriamente falando) e a mudança de *contêiner* marca o fim do movimento. Avaliem os exemplos em (1) abaixo:

1. (a) "aí chegou um:/ dois caras assim um menor e um cara mais velho *pegaram* o celular que tava na mão dela..."(COP-A-1-H)
- (b) "a gente recebe e-mails () 'ah tenha cuidado no Centro da Lagoa tava aconteCENdo' 'ah eles vinham com uma moto *pegava* o capacete quebrava o vidro e levava".(COP-A-3-H)

¹ As siglas utilizadas representam, respectivamente, sintagma nominal, sintagma determinante, sintagma preposicionado, sintagma oracional, predicativo do objeto.

Vê-se, em (1), exemplos prototípicos deste verbo, em que o primeiro constituinte do verbo, (A), vai ao encontro do segundo constituinte, (B), deslocando-o para o seu *contêiner*, acabando a ação quando de fato (B) é deslocado espacialmente, se aproximando de (A), mantendo-o sob a sua posse, seu domínio, tal como é demonstrado no **Esquema 1** de SIGILIANO (2008:85). Podemos representar a estrutura argumental do verbo *pegar*, em seu uso prototípico, da seguinte forma:

Semântica	AGIR	<	Agente	Tema	>
	PRED		<i>ser movimentador</i>	<i>coisa deslocada</i>	
Sintaxe	V	<	SUJ	OBJ	>

Quadro 02 - Padrão 1: Construção Argumental: X MOVIMENTA Y

O padrão 01 revela que, para o uso deste verbo, precisa-se de um Sujeito de traço [AGENTE] que vai movimentar espacialmente o Objeto de traço [TEMA] e consequentemente alterar o seu *contêiner*.

3.2 Construção argumental com verbo predicador não pleno

O fenômeno da *metonímia*, neste trabalho, é tratado com o mesmo conceito usado por MARTELOTTA ET ALLI. (1996: 30) "designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada", ou seja, não se trata de uma mera substituição de uma palavra por outra, mas de uma possibilidade de expansão de significado e/ou deslocamento de significado criada por meio da *contiguidade* (esta última é definida como associação por experiências vividas).

Este uso é muito mais frequente do que o próprio uso prototípico, dado a uma enorme extensão de significados que, por meio do fenômeno da metonímia, este verbo pode assumir. Desta forma, foram encontrados 169 dados, representando 55,8% no *corpus*, de significados diferentes, bem como variadas construções sintáticas. Aqui, é vista a manutenção da expressão básica do verbo *pegar* (movimento e/ou mudança de *contêiner*), mas, devido ao fenômeno da *gramaticalização*, o argumento interno do verbo acaba se tornando [+ABSTRATO]. Considerem os exemplos em (2) abaixo:

2. (a) ("HERDAR") "eu *peguei* muito da minha mãe embora não tenho gostado nada do que ela fez durante muito tempo depois que você cresce você descobre que ela tinha razão..."(COP-B-3-M)
- (b) ("BUSCAR") "a família tudo de condições boas meu tio taxi:sta ele tinha um táxi na mão:... meu tio teve que *pegar* ele nomo:rro... uma uma situação bem difícil entendeu já internou." (NIG-A-2-M)

No exemplo (a), através do fenômeno da metonímia, o verbo *pegar* assume a semântica de "herdar características de alguém". Temos a realização de uma estrutura sintática diferente das anteriores: Transitiva Direta e Indireta [S V O OBL], em que "alguém" recebe/herda "características" "de alguém", em que o sujeito da oração não tem traço [AGENTE], mas [PACIENTE]. De qualquer forma, está presente o conceito básico transmitido pelo verbo *pegar*, através do **Esquema 3** (SIGILIANO, 2008:86): "características" (B) se movem até "eu" (A) e nele se inserem. No exemplo (b), novamente há uma semântica mais abstrata em relação ao uso prototípico do verbo *pegar*, mas a ideia principal se mantém: "alguém buscar algo/alguém", ou seja, "o tio" (A) se desloca até "ele" (B) e o insere no *contêiner* ("no táxi") em que (A) está inserido, **Esquema 5** (SIGILIANO, 2008:87).

Como foi visto nesta seção, o verbo *pegar* pode participar de uma estrutura argumental como *verbo predicador não pleno*, mantendo as características do verbo predicador pleno, mas, semanticamente apresenta extensão de significado, preservando ou não a sua grelha argumental original. Não será elaborado um quadro representacional como foi feito na seção anterior, pela proliferação de sentidos verbais envolvidos, o que explica a diferença entre as construções.

3.3 Construção semelhante a um marcador discursivo

Com relação aos *marcadores discursivos (MD)*, seguindo a visão de MARTELOTTA ET ALLI. (1996: 30), eles são usados com a intenção de reorganizar a linearidade das informações do discurso oral (fala) por motivos de insegurança, retomada, hesitação, mudança de tópico/assunto, dentre outros aspectos. Para PENHAVEL (2012: 85-86), os MDs contribuem para o desenvolvimento do discurso, pois ajudam na construção da coesão e coerência do texto. Eles *explicitam* as significações que estão implícitas, reduzindo, assim, o esforço dos interlocutores na elaboração dos significados; e são elementos subsidiários, porque *referem-se* a elementos que lhes são centrais do texto; desta forma, não funcionam com autonomia.

Para esta seção, foram encontrados 19 dados (6,2%) como um MD, pois casos analisados aqui trazem a ideia de seleção de tópico discursivo ao contribuírem para o desenvolvimento do diálogo. Seguem, em (3), dois exemplos:

3. "é dele [Lula]... dá pra perceber... ele já melhorou... já melhorou... até mesmo pelo convívio com as pessoas que ele tem em volta... mas quando você *pega* o Fernando Henrique Cardoso e *pega* ele falando... é diferente mas ele é simpático"(COP-C-2-M)

Nos casos acima, a estrutura com o verbo *pegar* [S + V + SN] parece introduzir um assunto, sobre o qual há um comentário a seguir. O intuito é de captação de uma ideia com o objetivo de trazer para a conversa um novo tópico a ser discutido. Tudo indica que, no processo de gramaticalização, esta função como MD se *especializou* semântico-discursivamente. Podemos representar essa construção da seguinte forma:

Semântica	AGIR	<	Agente	Tema	>
	PRED		<i>ser transmissor</i>	<i>ideia capturada</i>	
Sintaxe	V	<	Sujeito	Objeto	>

Quadro 03 - Padrão 2: Construção Argumental Transitiva: X CAPTURA Y

O padrão 02 revela que, para o uso desta construção, é necessário um Sujeito [AGENTE] de traço [INDETERMINADO], que vai considerar um novo tema discursivo, no caso, Objeto [TEMA] relacionado à continuidade/desenvolvimento do texto.

3.4 Construção argumental com verbo léxico-gramatical

Por ter este caráter difícil de categorização, para a classificação do verbo *pegar* como verbo híbrido léxico-gramatical, foram encontrados 7 dados, representando 2,4% no *corpus*. Em um *continuum* de gramaticalização, o processo pelo qual o verbo passa o torna [+gramatical] sendo difícil classificá-lo como gramatical ou lexical; e o significado original do verbo se perde, havendo outros esquemas de interpretação. Considerem os exemplos em (4) abaixo:

4. ("TRABALHAR") "horário de funcionamento dos ônibus eu sei que tem motorista que *pega* seis larga dez horas da noite faz dois turno(COP-B-2-H)

O exemplo (a), "o motorista pega [no trabalho] seis e larga dez" pode ser alternado com o predicador pleno "trabalhar". Segundo o **Esquema 4** de SIGILIANO (2008:87), "o motorista" (A) se desloca até "o local de trabalho" (B) e nele se insere. É difícil dizer se é gramatical ou lexical porque ao mesmo tempo que "no trabalho" restringe o argumento externo (alguém que trabalhe, com traço [AGENTE]) ele é omitido da estrutura. A construção pode ser representada por [V_{pegar} + SN_{trabalho}], pois podemos alterar o SN para "no trampo", "na labuta", "no batente", "no trabalho pesado".

Como foi visto nesta seção, o verbo *pegar* participa da construção de forma fluante, podendo ser classificado ora como lexical, pois mantém características do predicador pleno (podendo expressar esquemas de movimento/*contêiner*), ora como gramatical, pois se esvazia semanticamente abrindo espaço para o SN selecionar argumentos. Não será elaborado um quadro representacional, pela dificuldade de categorização tanto pela via sintática quanto pela semântica.

Estudos apontam que esta categoria é compreendida como um estágio intermediário da categoria da próxima seção, *verbo suporte*, porque, antes do verbo se tornar gramatical, ele passa por um estágio híbrido entre lexical e gramatical. Acredita-se também seja um estágio anterior ao de *verbos seriados*, porque, como veremos mais adiante, o V1 advém de um processo de gramaticalização. Além disso, não encontramos nenhum dado de *pegar* híbrido com construção de verbos seriados no recorte analisado de estudo sincrônico. Não será elaborado um quadro representacional das construções envolvendo tais usos, pela dificuldade de categorização tanto pela via sintática quanto pela semântica.

3.5 Construção com perífrase verbo-nominal

Foram detectadas 11 ocorrências (representando 3,6% do *corpus*) para esta seção. Muito já se falou sobre as perífrases verbo-nominais (V_{SUPORTE}+ SN). Através de pesquisas linguísticas, sabemos que, mesmo que haja alternância sintática entre a estrutura perifrástica e um predicador simples, as semânticas das estruturas não são as mesmas (c.f. VIEIRA, 2010).

Neste trabalho, verbo leve é visto como sinônimo de verbo suporte, e, para tanto, utilizamos o conceito de RAPOSO (2013: 1215): "o elemento que contribui centralmente para a predicação nas construções com verbos leves (ou suporte, grifo nosso) é o complemento nominal e não o verbo", porque o verbal se "esvazia" semanticamente (mantendo apenas uma parte de seu significado básico); por outro lado, a seleção argumental e as restrições semânticas do verbo pleno são mantidas. Considerem um dos exemplos em (5):

5. "[...] porque é um bairro plano é um bairro que você *pega*... sol você tem lazer gratuito ele é:/ ele tem uma farmácia [...]" (COP-B-3-M)

(5) traz a mesma ideia de: altera-se o traço de [AGENTE] para [PACIENTE], caracterizando-se pelo **Esquema 3**: em que "os raios de sol" (B) se deslocam para "você" (A) e neste se inserem. Também podemos inserir os elementos da estrutura como: "aquele sol", "um sol forte", "um solção" ou alternar o SN da estrutura [V_{pegar} + SN_{fenômeno climático}], por "chuva", "nevasca"; além de não haver um verbo pleno correspondente. Pode-se caracterizar (5) como um exemplo de verbo (semi)suporte mais próximo de verbo suporte.

Assim como a seção anterior, só há como representar a estrutura sintática sem levar em conta a semântica, pois depende da natureza semântica do SN da perífrase e do grau de gramaticalização do verbo. Vejamos abaixo:

V_{suporte} + SN

Quadro 04 - Padrão 04: Construção da Perífrase verbo-nominal

3.6 Construção com verbos seriados

Dos 303 dados encontrados no *corpus*, para esta seção, foram localizadas 19 ocorrências (representando 6,2% da amostra) com verbos seriados, estudado com profundidade por outros pesquisadores ALMEIDA & OLIVEIRA (2010), CRUZ (2011), RODRIGUES (2004, 2006).

Para desempenhar a função de V1, nesta construção, este verbo advém de um processo de gramaticalização em relação a V2, o que comprova a existência de um estágio anterior a este (v. seção 3.4). Entretanto, não se pode afirmar ainda se V1 de fato se gramaticalizou por completo, pois ainda não assumem a função gramatical prototípica (tempo, modo, aspecto), além de a função dentro desta construção ser pragmática com o objetivo de enfatizar ou dramatizar o evento descrito em V2. RODRIGUES (2006:178) atestou que esta construção se origina no processo de gramaticalização, mas propõe que este tópico seja estudado com maior profundidade, porque os autores que defendem a proposta de que um item lexical que adquire função pragmática passa por um processo de discursivização e não de gramaticalização.

Segundo GRILO (2006:8-9), o verbo *pegar* serve, semântico-pragmaticamente, para acentuar uma visão global do evento referido por V2. Desta forma, o aspecto global do verbo pode ser expresso pelos seguintes traços de caráter distintivos: (a) [pontualidade] do evento de V2; (b) [subtaneidade]; (c) [imprevisibilidade]; (d) [iniciativa] por parte do sujeito-agente da perífrase sob enfoque; e (e) [avaliação] positiva/negativa/neutra sobre o evento de V2. Esses traços serão vistos separadamente durante a análise de dados, embora a autora os utilize como grupos de fatores em seu trabalho.

Neste artigo, não temos o objetivo de discutir as propriedades semântico-sintáticas do verbo *pegar* com profundidade, porque, além de já ter sido objeto de pesquisa de outros pesquisadores, não haveria tempo suficiente neste trabalho; mas pretende-se analisar brevemente os dados de acordo com o que já está postulado em GRILO (2006: 8-9) e RODRIGUES (2006: 150-151), além de apresentar esta construção, utilizada por falantes do PB, que constará na rede de construcional do verbo em questão. Vejam-se os exemplos em (6) abaixo:

6. (a) eu fui andando até um pouco mais forte, caí e tudo mais entendeu... graças a Deus veio o ônibus eu *peguei* e fui embora... (NIG-A-2-M)

(b) aí voltei quem/ quem salvou mesmo foi a médica do hospital aquela clínica né que avaliava os funcionários ela *pegou* fez um questionário pra ele questionando mesmo ele... (NIG-C-2-M)

Em (a), graças ao contexto, o verbo *pegar* atribui [-imprevisibilidade] para V2, porque se estava esperando o ônibus, e ele veio, espera-se o embarque; em (b), V1 marca [+avaliação] e no sentido *positivo* para a ação em V2, pela fato de a médica ter salvo o funcionário. Nos exemplos citados em (6), podemos ver que o V1 e o V2 compartilham o mesmo sujeito (este precede V1), flexões modo-temporais e número-pessoais; são contíguos, sendo unidos ou não por uma conjunção; o morfema de negação aparece apenas em V2; a questão da inaceitabilidade de V1 ser alvo de

interrogação também se confirma, pois, em (6b) podemos perguntar *fez mesmo?*, mas não é aceito *pegou mesmo?*; V1 sofre mudança na transitividade; V1 sofre mudança semântica-pragmática.

Segue-se aqui o mesmo modelo de representação de RODRIGUES (2006:150) para a construção com verbo seriado. A autora, ainda, informa que a representação possui um problema, pois "a estrutura falha em descrever seus aspectos pragmáticos, que só podem ser depreendidos em situações reais de uso".

[(SUJ _i) + [V1 _i [+ flex _j] + (CONJ e) V2 _i [+ flex _j]]]
--

Quadro 05 - Padrão 3: Evidências da construcionalidade das CFFs (Rodrigues, 2006:150)

3.7 Construções lexicalizadas

Levando em consideração o já postulado por MOURA NEVES (2002) e a tese de ESTEVES (2012), estruturas lexicalizadas podem ser alocadas em um *continuum* de graus de lexicalização devido aos parâmetros do *Grau de Congelamento Semântico* (GCS). Dos 303 dados, foi encontrado apenas 1 dado de estrutura lexicalizada com o verbo *pegar* (representando 0,3% do *corpus*). É importante ressaltar que expressões idiomáticas são difíceis de traduzir para outras línguas e, por vezes, difíceis até de explicar na própria língua, porque não adianta somar os significados de todos os elementos envolvidos na construção, pois dependem de um contexto exterior. Veja-se a construção identificada no *corpus* em (7):

7. "[...] eh mas eu entrei **pega** pra capar]... eu briguei feio... e saí da casa dele... não saí da minha casa não... vestida de NOIva?...[...]"(COP-C-2-M)

Em (7), "*pega pra capar*" traz a semântica de "*confusão*". Usando os parâmetros de ESTEVES (2012), há impossibilidade de anteposição do SN, tendo em vista que, na estrutura cristalizada, ele é representado por uma categoria vazia; há impossibilidade de inserção de elementos dentro da composição; há impossibilidade de substituição do VERBO e/ou do SN; e por fim, há a impossibilidade de substituição da perífrase por um verbo. Inclusive, podemos inserir um determinante para toda a estrutura, como em "*foi um pega pra capar daqueles*", "*aquele pega pra capar foi um tumulto generalizado*". Em outras palavras, esta estrutura está bastante fossilizada na língua e, de acordo com os parâmetros testados, tem alto GCS. Além disso, não há como elaborar um padrão para essa construção, porque são muito variadas.

3.8 Proposta da rede construcional de *pegar*

Após analisar, nas subseções anteriores, as construções do verbo *pegar* como construção argumental ou como constituinte de uma construção, chegamos agora à proposta deste artigo: a elaboração da rede das categorias funcionais do verbo em questão.

Conforme a Figura 01, acredita-se que o verbo como predicador pleno gera outras construções, no caso: (a) uso como *verbo predicador não pleno*, por conta do fenômeno de metonímia, o verbo *pegar* entra no lugar de outro verbo predicador, quando há um compartilhamento de traços semânticos entre eles; (b) uso como *marcador discursivo*, já que sofre uma especialização no processo de gramaticalização e se estabiliza no sistema, gerando uma especialização semântica-discursiva de introdução de um novo tópico no discurso; (c) uso como *verbo de comportamento híbrido*, por passar por um processo de nível intermediário de gramaticalização, sendo difícil classificá-lo como gramatical ou lexical; e por fim, (d) as *construções lexicalizadas*,

dependendo do grau de frequência e dessemantização sofridas durante o processo de lexicalização. Neste conjunto, também prevê-se (porque não obtivemos dados no *corpus*, mas supõe-se pelo que outros estudos com mais dados atestam) a existência de um *continuum* de *estruturas semi-lexicalizadas* a *estruturas lexicalizadas*, de acordo com os parâmetros utilizados no *grau de congelamento semântico*.

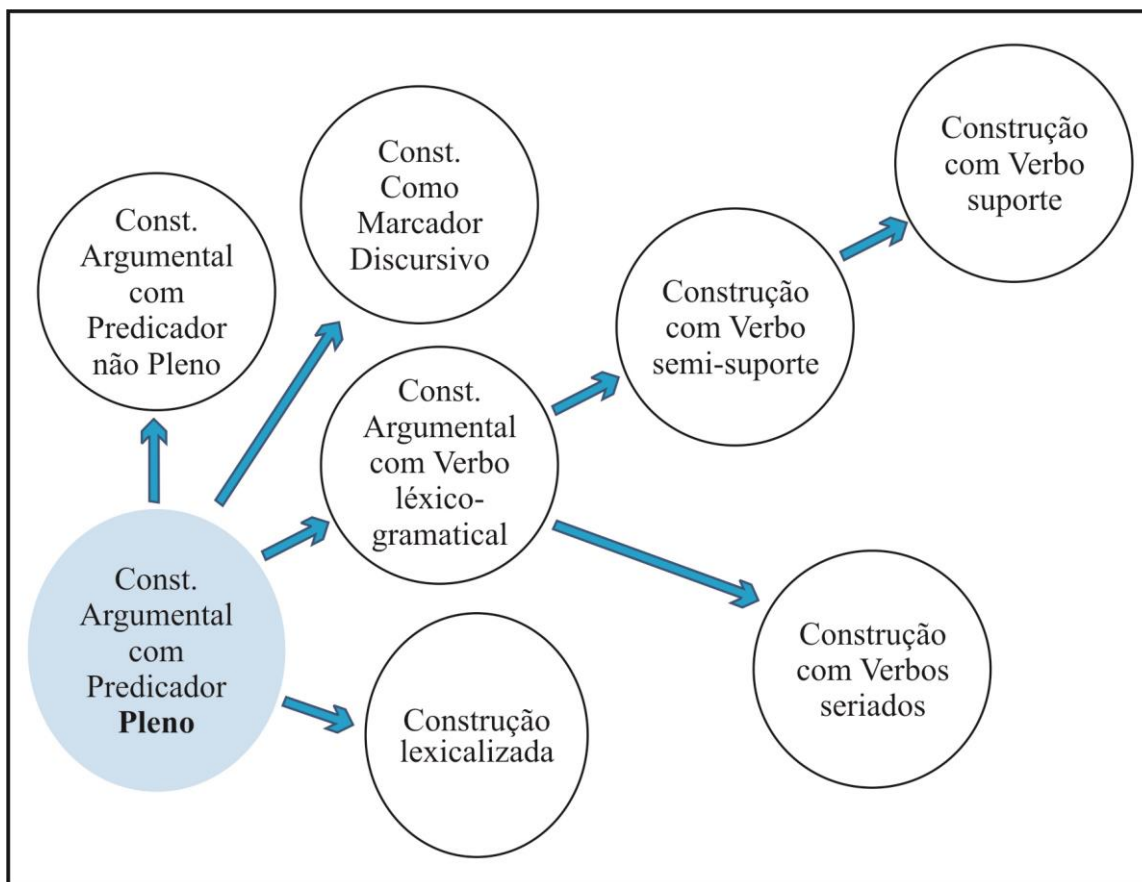


Figura 01 - Rede de relações das categorias funcionais do verbo *pegar*.

A partir do uso como verbo híbrido se originam as demais construções, principalmente devido à *dessemantização*, ocorrida no processo de gramaticalização. As construções com *verbos seriados* partem do uso como verbo híbrido, porque o V2 recebe de V1 uma semântica específica, dependendo do contexto, além de V1 partilhar várias características gramaticais com V2. As *construções de perífrase verbo-nominal* também estão mais próximas do uso como verbo híbrido, porque, conforme o verbo *pegar* vai perdendo o seu significado básico, ele acaba se tornando leve semanticamente, se apoiando em um SN. Graças ao *continuum* de gramaticalização que opera nas estruturas, o gráfico apresenta duas estruturas separadas representando as construções com *verbo semi-suporte*, estágio anterior à construção de *verbo suporte*.

Considerações finais

Como proposta para este artigo, foi feita uma análise qualitativa de cada dado com o verbo *pegar* localizado no *corpus*, e os mesmos foram agrupados de acordo com as características sintático-semânticas, nos rendendo sete grandes grupos. Em cada um, foi proposta uma representação de construção baseando-se na teoria Funcionalista. Não foi possível elaborar uma representação sintático-semântica para todos os grupos, por

conta de uma semântica muito variada, dependendo do contexto, gradação de gramaticalização e/ou lexicalização, dentre outras propriedades presentes nos grupos.

Verificou-se que a primeira hipótese do trabalho, com relação ao fenômeno da metonímia, justifica a expansão de significados (extensão de sentido) e, em consequência, os ajustes sintáticos (reanálise) do verbo *pegar*. A segunda hipótese também se comprovou ao longo da análise, pois o estágio hibridização do verbo é necessário como um estágio anterior às estruturas com verbo (semi)suporte e estruturas com verbos seriados, devido ao seu caráter léxico-gramatical. A terceira hipótese também se mostrou verdadeira, pois, em todos os dados em que havia a possibilidade de alternar a estrutura com verbo (semi)suporte com um verbo cognato, os significados não eram os mesmos.

Por fim, com a análise dos dados, encontra-se na Figura 01 o objetivo principal deste trabalho: propor uma rede de relações entre todas as categorias funcionais do verbo. Estudos futuros podem explorar com mais profundidade este quadro, e, quem sabe, ampliar esta pesquisa.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Christiane Miranda Buttersde.; OLIVEIRA, Maria José de Oliveira. *Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem formal*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 135-164, jul./dez. 2010.
- CORPUS CONCORDÂNCIA: *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. 2008. <<http://www.concordancia.letas.ufrj.br/>>
- CRUZ, Lorena Silva Teixeira da. *Descrição do verbo pegar para identificação de verbo suporte*. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória/ES, 18 A 21 de OUT/2011.
- CUNHA, Maria Angélica F. de; SOUZA, Maria M. de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ESTEVEZ, Giselle Aparecida Toledo. *Construções com dar+ Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2008.
- _____. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2012.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. (p. 129-146)
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- GRILO, Dayane da Silva. *Pegar na construção [pegar (e) v2]: foco na função semântico-pragmática*. GELNE: Apresentação em Poster Individual.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, JohnBenjamins Company: 1991.
- HOUAISS ELETRÔNICO. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Versão monousuário 3.0. Editora Objetiva Ltda: 2009
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto no Brasil*. São Paulo: Delta, 1998. vol. 14 n.2. p. 405-422.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v.18.

- _____. "Pronomes Pessoais". In: VIEIRA, Silvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007a. p.103-119.
- _____. "Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos". In: www.lettras.ufrj.br/laborhistorico, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007b.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M. "O paradigma da gramaticalização" In: *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (p. 24-40)
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013. (p.157-176)
- NEVES, M. H. M. *A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte*. In: _____. *A gramática. História, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- PENHAVEL, Eduardo. "O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?" In: *(CON)TEXTOS Linguísticos*. v.6, n.7. Vitória: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2012. p. 78 - 98
- RAPOSO, E. B. P. et al. (org). *Gramática do Português*. Vols I e II. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2013. (Cap. 11, 17, 28).
- RODRIGUES, Angélica T. Carmo. *CFFs: As construções do tipo Foi Fez no Português do Brasil*. nº 50(1). São Paulo: ALFA, 2006. (p. 39-58).
- _____. "Eu fui e fiz esta tese": *As construções do tipo Foi Fez no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP/IEL, 2006.
- SIGILIANO, Natália Sathler. *A construção aspectual inceptiva do Português com verbos não canônicos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2013.
- _____. "O telefone tocô eu peguei e:: quem tá falano?" *A polissemia do verbo pegar*. Dissertação de Mestrado. UFJF/Faculdade de Letras, 2008.
- VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. "Perífrases verbo-nominais". In: *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, nº 5. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 2010. (p. 409-429)